

Primeiro o esporte, depois a deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012¹

Tatiane HILGEMBERG²

Universidade Do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Diversos autores afirmam que os atletas são tratados de forma diferente pela mídia, dependendo do sexo, nosso estudo terá, portanto, o objetivo de analisar como os atletas com deficiência foram representados durante os Jogos Paralímpicos de 2012. E mais especificamente, iremos examinar as diferenças entre as representações de gênero e tipos de deficiência dos atletas que participaram nos Jogos Paralímpicos de 2012. Concluímos com nossos dados que a cobertura é predominantemente masculina, que, em geral, a deficiência tende a ser escondida nas fotografias; e em termos de narrativa jornalística o atleta paralímpico é constantemente associado à ideia de superação, resultante de um discurso que enfatiza sua tragédia de vida e posterior superação do sofrimento e a ascensão como representante da classe.

Palavras-chave: Mídia; Atletas Paralímpicos; Gênero; Deficiência.

Introdução

Muitos, tentados pela força dos meios de comunicação e pelo senso comum, tendem a crer que a mídia domina o mundo, no entanto ela apenas sugere e gera, sim, uma grande influência sobre sua audiência. Os meios são um sistema que se insere entre a opinião do público e o calendário midiático.

Vislumbramos daí as funções sociais da imprensa como serviço: informação, entretenimento, psicoterapia e inclusão social. Albert (2001, apud REICHHART E MYAZHIOM, 2012) enfatiza o papel psicoterapêutico e aponta que a quarta função, a inclusão social, leva à integração do indivíduo ao corpo social. O contato com conteúdo dos meios de comunicação oferece uma forma de diálogo que abre portas invisíveis para o mundo, auxiliando o indivíduo em seu sentimento de pertença, fortalecendo sua conexão a diversos grupos. Ou seja, os meios desempenham um papel importante no processo de socialização, considerando o conceito de socialização descrito por Wright (1968, p. 105)

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, email: tatianehilgemberg@gmail.com

como o “(...) processo pelo qual o indivíduo adquire a cultura do seu grupo e interioriza suas normas sociais, fazendo com que seu comportamento leve em conta as expectativas dos outros”. Podemos afirmar que a mídia ensina valores, ideologias e crenças das quais emergem representações sociais acerca de determinados grupos.

Como elemento na formação da opinião pública, a mídia também tem um importante efeito em como o esporte se desenvolve e é praticado (vide as mudanças de regras em alguns esportes por conta das transmissões televisivas). Atualmente é impossível pensar em um grande evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação. Assim é fácil notarmos que ‘o que’ a mídia cobre e ‘como’ realiza essa cobertura, e trata os participantes em cada esporte podem ser questões que criam barreiras devido a estereótipos, trivialização e sub-representação. Essas barreiras nos meios tendem a ser resultado de dois aspectos: a quantidade de cobertura e a representação de esportes e atletas (BERNSTEIN, 2002; PEDERSEN, 2002).

Os atletas com deficiência, por exemplo, são retratados de forma diferente, e muitas vezes são ignorados, e o jornalismo esportivo geralmente age como se o esporte adaptado não fosse legitimado e competitivo. Os Jogos Paralímpicos assumiram-se como corolário e expoente máximo do desporto adaptado com um número crescente tanto de países como de atletas participantes em cada edição. Tais competições voltadas às pessoas com deficiência, até pela sua dimensão, têm conseqüentemente, vindo a merecer um incremento em termos da atenção midiática. Sendo inegável nesse respeito o contributo da mídia para a divulgação e promoção dos eventos esportivos, transformando as grandes competições em verdadeiros espetáculos.

Não obstante o seu potencial, o histórico de atuação da mídia em termos das representações e discursos adotados referentes à pessoa com deficiência, não raro, apenas replica os preconceitos e estereótipos sociais.

Neste artigo temos, pois, como objetivo principal analisar de que forma o atleta paralímpico é representado pela mídia nos Jogos Paralímpicos de Londres/2012.

Deficiência e Sociedade

A diferença entre corpos sempre despertou interesse da humanidade, sendo que tais diferenças podem ser inseridas no contexto *normal* e *anormal*. Tais contextos sugerem que existe uma dificuldade em se identificar com corpos que possuem diferenças marcantes, e

que passam a ser vistos, portanto, como patologias. “Ou seja, quando uma pessoa com características diferentes daquelas que se esperava encontrar em determinado ambiente é apresentada ou é vista fazendo parte dele, essa pessoa é considerada estranha” (SANTOS, 2008). Como nos afirma Goffman (1988, p. 13) “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem (...)”.

Na Antiguidade, o “problema” da deficiência não existia, pois as crianças que assim nasciam eram abandonadas e em sua grande parte acabavam morrendo. Na Idade Média, com o advento do Cristianismo, o extermínio das pessoas com deficiência passou a ser considerado prática inaceitável (ARANHA, 2007); contudo a partir do século XV a pessoa com deficiência passa a ser vista como um ser improdutivo, ou seja, um “peso” para a sociedade. Nos séculos XVII e XVIII, as atitudes vão desde a institucionalização em hospícios até o ensino especial. Nestes séculos as mudanças sociais associadas à industrialização e a crescente ênfase no individualismo, levaram à fragmentação dos sistemas de apoio da comunidade tradicional e aumento da dependência de instituições e de profissionais da reabilitação, fase em que o modelo de asilo prevaleceu. No século XIX a necessidade de estruturação de um sistema de ensino para todos, faz com que a responsabilidade pública comece a se desenvolver. A partir daí o debate sobre a questão tornou-se amplo, ativistas e algumas organizações tornaram-se atores na defesa de ações afirmativas, mudanças nas legislações nacionais e internacionais, e no combate à soberania do modelo médico. Surge o modelo social da deficiência afirmando que a desigualdade pela deficiência não estava apenas na questão clínica, mas também nas barreiras físicas, econômicas, políticas e sociais da vida em sociedade (SANTOS, 2008).

O desenvolvimento das atitudes perante as pessoas com deficiência atravessou diversos períodos remetendo-nos a diferentes perspectivas em relação a este grupo. Conforme entramos no terceiro milênio, as preocupações acerca das dimensões social e política da deficiência intensificaram-se consideravelmente. E a exclusão das pessoas com deficiência da vida econômica e social tornou-se objeto de protestos e mobilizações (BARNES, MERCER e SHAKESPEARE, 1999). E este novo foco sobre as questões da deficiência também fez com que houvesse um crescimento do chamado *Disability Studies*, e o amadurecimento da literatura sobre vários aspectos da deficiência, sendo este um fenômeno global. E com este crescimento vimos o florescer de teorias e modelos nos quais a deficiência começava a ser enquadrada.

Sendo assim, tal como afirma Pontes, Naujorks e Sherer (2001), notamos que são os valores culturais que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização, aferindo a essas determinados rótulos sociais. De acordo com Maciel (2000) o estigma da deficiência é grave, uma vez que transforma essas pessoas em seres incapazes, improdutivos, indefesos, sempre deixados em segundo lugar na ordem das coisas. Ou seja, as pessoas com deficiência enfrentam duplamente os efeitos da vulnerabilidade social. Primeiro, como já dissemos, por não serem reconhecidas socialmente como sujeitos produtivos, e com consequente dificuldade de inserção no mercado. E segundo, mesmo pela impossibilidade de garantirem sua autonomia econômica, social e simbólica, resultando em exclusão e isolamento ao não fazerem parte da sociedade produtiva (SANTOS, 2008). O sujeito com deficiência, torna-se reduzido a essa deficiência, o que o impede de exercer seu papel social de indivíduo.

Mídia e Deficiência

É possível notar que os avanços com a preocupação destes temas passam necessariamente pela informação e pelos meios de comunicação e vão determinando novas formas de pensar e agir em relação à diversidade humana, com poder na formação de conceito e de manutenção de pré-conceitos. A forma como a pessoa com deficiência é vista pela sociedade é, em grande parte, construída com base na influência dos meios de comunicação social. Estudos anteriores sobre os efeitos da mídia na sociedade mostraram que uma das maiores influências dos meios de comunicação de massa é reforçar normas e atitudes existentes (LAZARSELD e MERTON, 1948).

Ao se analisar a atuação dos meios de comunicação no sistema de representações e discursos referentes à pessoa com deficiência, estes se encontram permeados por subjetividades e, por vezes, reforçando preconceitos e estereótipos. Desde logo, existem alguns mitos sobre as pessoas com deficiência, que as estigmatizam como pessoas sempre tristes, marcadas pela tragédia e, por conseguinte, responsáveis diretas pela tristeza em todos que com elas convivem ou as conhecem (MARQUES, 2001b).

Calvo (2001) introduz outra dicotomia relevante para a presente discussão ao afirmar que além de exíguas, e de retratar as pessoas com deficiência, frequentemente, como seres incapacitados que não conseguem solucionar seus problemas, as representações midiáticas das pessoas com deficiência, transmitem, da mesma forma, a imagem do “super-

herói”, com algumas capacidades mais desenvolvidas em detrimento de outras, acabando por reforçar estereótipos, estigmas e posturas preconceituosas. Fenômeno similar ocorre com os atletas com deficiência. Quando apenas a deficiência está em evidência o indivíduo é visto como “coitadinho”, mas ao se transformar em atleta de alto nível, recordista mundial, medalhista paralímpico, o indivíduo com deficiência é o herói, que superou suas próprias dificuldades.

De acordo com estudos realizados nos anos 1990, a qualidade e a quantidade da cobertura midiática, das pessoas com deficiência encontrava-se abaixo da média esperada, levando em consideração a cobertura midiática das pessoas sem deficiência, e, geralmente, tais indivíduos eram representados de forma estereotipada e irreal. Nelson (1994) listou os sete principais estereótipos utilizados para representar a pessoa com deficiência em filmes e na televisão: digno de pena e patético; “super-herói”; sinistro, maléfico e criminoso; melhor morto; desajustado; fardo; incapaz de viver uma vida bem sucedida. Em uma perspectiva semiológica Woodill (1994) distinguiu tipos diferentes de metáforas sobre as pessoas com deficiência: a humanitária (deficiência como infortúnio); a médica (deficiência como doença); o de fora (pessoa com deficiência como o outro); a religiosa (deficiência como plano divino); a retribuição (deficiência como punição); o controle social (deficiência como ameaça); e a metáfora do zoológico (pessoa com deficiência como entretenimento). Por sua vez Clogston (1994) divide a cobertura jornalística em dois tipos: o modelo tradicional, que vê o indivíduo com deficiência como disfuncional, e também onde se insere o estereótipo do “super-herói”; e o modelo progressivo, vê os indivíduos como diferentes, aceita-os e respeita-os. Em estudos recentes sobre o esporte adaptado, entretanto, os estereótipos mais encontrados foram o “coitadinho” e o “super-herói”, revelando que a mídia (tanto audiovisual, quanto escrita) tende a descrever as performances dos atletas com deficiência de forma relativamente consistente com o modelo médico. Sendo assim, estes atletas tendem a ser retratados como “vítimas” ou pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento desportivo, um “super-herói”. Este estereótipo deixa a impressão de que a pessoa com deficiência para se ajustar terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heróico para compensar a sua limitação (SCHELL e DUNCAN, 1999). O modelo do “super-herói” viria reforçar as baixas expectativas da sociedade acerca das pessoas com deficiência (HARDIN e HARDIN, 2004), e enfatizar o esforço individual dessas pessoas para se adaptarem; como se ter uma deficiência fosse culpa das mesmas (SCHANTZ e GILBERT, 2001). O que depreende-se

deste discurso é que as pessoas sem deficiência, quando bem sucedidas nos seus empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto aquelas que têm alguma deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o ‘mal’ que os aflige (MARQUES, 2001a).

Ao contrário, por exemplo, do que acontece nos desportos para pessoas sem deficiências, onde por exemplo o fracasso é apresentado como uma perda trágica, nas Paralimpíadas os comentários parecem ser rasos. Quando certo atleta ou equipe perde, a imprensa sugere que o perdedor deve ser grato pela experiência Paralímpica; este é um caso claro de os paratletas serem retratados como “outros”, como atletas menos-do-que-capazes. De acordo com Moura (1993, p.46) tanto o olhar de piedade quanto o de admiração parte de um único princípio, o preconceito.

[...] tanto aquele que foi marginalizado pela visão pública de deficiência como aqueles que conseguiram [...] [se] mostrar em condições de competitividade são de certa forma vistos publicamente como elementos não humanos: um pela sua história e seu modo precário de vida, como elemento sub-humano, o outro pelo inverso da mesma moeda – da deficiência – como um super-humano.

As raízes do preconceito contra as pessoas com deficiência são profundas. Durante séculos, contos de fadas os retrataram de forma estigmatizada, e mais recentemente as histórias em quadrinhos relacionam criminalidade e deficiência. Alguns autores afirmam que os estereótipos divulgados pela mídia são reflexos dos medos e ansiedades do público, ou seja, nós evitamos falar sobre a possibilidade da deficiência, em nós ou em alguém próximo, e o que tememos geralmente estigmatizamos (LONGMORE, 1985).

Metodologia

Este estudo visa analisar como os atletas com deficiência foram representados durante os Jogos Paralímpicos de 2012. Especificamente, nosso objetivo é examinar as diferenças entre as representações de gênero e tipos de deficiência dos atletas que participaram nos Jogos Paralímpicos de 2012, que reuniram 4.237 atletas, dos quais 2.736 (65%) homens e 1.501 (35%) mulheres (IPC, 2012), de 164 países, participando em 20 esportes diferentes. Além de analisar como se constitui na mídia esportiva o discurso/construção social a respeito dos paratletas.

A nossa amostra inclui apenas as notícias e reportagens, excluindo, portanto, artigos opinativos, cartas ao editor, blogs, crônicas e editoriais, publicadas pelo site de O Globo,

durante os 12 dias de evento, de 29 de Agosto a 09 de Setembro de 2012. Iniciamos nossa análise com a coleta, a partir das ferramentas de busca disponibilizadas pelo site acima referido, de todos os textos publicados no período mencionado utilizando as palavras-chave: Jogos Paralímpicos e Paralimpíadas.

Para atingirmos o objetivo de verificar as diferenças entre as representações de gênero e tipos de deficiência realizamos a análise de conteúdo, utilizando categorias quantitativas:

- Número de matérias que contém fotografias e quantas fotografias por matéria.
- Número de fotografias em que a deficiência é visível, e consequente tipo de deficiência visível.
- Número de fotografias de acordo com sexo.

Com o intuito de examinar o discurso da mídia esportiva sobre os paratletas analisamos o material qualitativamente, seguindo alguns princípios teóricos de Gill (2002) sobre a análise do discurso. Neste ponto ocupamo-nos de apreender como os textos e conteúdos se estruturam, entendendo-os como constructos sociais, ou seja, que o uso ou a omissão de certos termos e expressões não é sem razão, mas sim apresenta intencionalidade, implícita ou não, sendo essas escolhas produtoras de sentido, uma vez que as perspectivas da análise do discurso rejeitam a “(...) noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (GILL, 2002, p. 244).

Também dialogamos com Goffman (1988) abordando os temas da estigmatização.

Diga xis: análise das fotografias

Em nossa análise quantitativa alguns resultados interessantes foram identificados. Os Jogos Paralímpicos de 2012 reuniram o maior número de atletas e nações de sua história (4.237 atletas de 164 países), o Brasil foi representado por 179 atletas, dos quais 112 homens e 67 mulheres.

Diversos autores afirmam que os atletas são tratados de forma diferente pela mídia, dependendo do sexo (BUYSSE e BORCHERDING, 2010; EASTMAN e BILLINGS, 2000). Em nosso estudo analisamos 14 fotografias de 16 matérias publicadas pelo site do jornal O Globo no período selecionado. Dessas imagens apenas uma referia-se à atleta do sexo feminino. Apesar da esmagadora maioria das fotografias estarem relacionadas a atletas do sexo masculino, não podemos nos precipitar na conclusão de que a cobertura foi sexista.

Ao observarmos os números envolvidos nessa edição dos Jogos temos um vislumbre de uma possível justificativa para tal fato; primeiro dos 179 atletas presentes em Londres, 112 eram homens, ou seja, em torno de 63%; segundo, das 43 medalhas alcançadas pelo Brasil 32 (74%) foram de esportes masculinos; e terceiro devemos levar em consideração que o grande nome desse evento foi o nadador Daniel Dias que conquistou seis das 14 medalhas de ouro brasileiras. Também não podemos negar que nossos resultados corroboram o de outros estudos (BUYSSE e BORCHERDING, 2010; CHANG e CROSSMAN, 2009; THOMAS e SMITH, 2003; LEE, 2013) que apontam hegemonia na representação de atletas do sexo masculino na cobertura fotográfica.

Em geral, as fotografias de atletas com deficiência tendem a esconder suas deficiências utilizando ângulos diversos (THOMAS e SMITH, 2003). Em nosso estudo em 57% das fotografias (oito casos) a deficiência não era apresentada, e das seis fotografias (43%) em que a deficiência estava exposta os atletas amputados prevaleceram em cinco, com apenas um caso de deficiência visual sendo representada. Podemos dizer que tal fato vai ao encontro de pesquisas anteriores (SCHANTZ e GILBERT, 2001; SCHANTZ e DUNCAN, 1999; THOMAS e SMITH, 2003), que sugerem que o foco em atletas com deficiência física e a invisibilidade da deficiência parecem negar a identidade do atleta e possivelmente reforça as percepções estereotipadas sobre a deficiência e pessoas com deficiência. Ou seja, em geral as fotografias destes atletas na mídia tendem a esconder a deficiência utilizando angulações diferentes. Além disso, Hardin e Hardin (2003) explicam que o ideal mais próximo de competidor entre atletas com deficiência é o deficiente físico, evidenciando que a sociedade sente-se mais a vontade diante desse tipo de deficiência. Contudo não podemos esquecer de que Daniel Dias, citado acima como atleta de grande importância no evento, é bi-amputado, podendo portanto ser esta a justificativa da supremacia da deficiência física na cobertura fotojornalística.

O Estigma do Paratleta

As narrativas das representações dos paratletas frequentemente focalizam a tragédia. Porém, no caso dos atletas com deficiência a tragédia funciona como categoria introdutória para outras categorias como “super-deficiente” e “exemplo”, uma vez que a deficiência é vista como uma tragédia que estes indivíduos têm de superar através de força de vontade e reabilitação. Assim o triunfo é reconhecido como uma grande realização do atleta,

principalmente através da superação das limitações físicas (SHEEL e DUNCAN, 1999). Na verdade, essa superação de dificuldades é tão valorizada que esses indivíduos passam a ser descritos como super-humanos.

A explosão que tirou a visão de Brad Snyder não foi capaz de machucar o espírito de luta do tenente da Marinha americana. Um ano depois de pisar em um dispositivo explosivo caseiro colocado por talibãs, quando circulava por Kandahar, no Afeganistão, o militar faz parte da equipe de natação dos Jogos Paralímpicos de Londres. (...)

Através da cegueira fui capaz de experimentar um nível de competição que nunca teria. Assim, de certa maneira, sou muito grato por isso.

(O GLOBO, 06/09/2012).

Vemos que a partir do anúncio da tragédia vem a redenção, o momento crucial na constituição da imagem do paratleta, principalmente na construção do personagem heroico, que cai, sofre, mas supera as adversidades e vence, mas também um momento ambíguo, pois apesar de superar o destino infeliz, a narração denota uma superação parcial visto ser a deficiência insistentemente referida como seu núcleo legitimador e fundador.

Nesse sentido Goffman (1988, p. 24) nos revela que o estigmatizado sente-se como “em exibição”, em que

Seus menores atos, ele sente, podem ser avaliados como sinais de capacidades notáveis e extraordinárias (...). Ao mesmo tempo, erros menores ou enganos incidentes, podem, sente ele, ser interpretados como uma expressão direta de seu atributo diferencial estigmatizado.

Expostos durante os Jogos Paralímpicos os atletas são representados como exemplos, de superação e também para seus pares.

Como explica Goffman (1988, p. 20), “o estigmatizado pode, também, ver as privações que sofreu como uma bênção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas”.

Os guerreiros voltando do Afeganistão e do Iraque, que estão deitados na cama com um membro faltando ou o que quer que seja, podem ver a minha história e dizer: ‘Ei, isso é para mim. Se ele pode fazer isso, eu também posso’.

Não há nenhuma razão para ficar no canto e ficar para baixo depois de ser ferido - disse o britânico, jogador de vôlei sentado Rana Netra, um atirado que perdeu seu joelho esquerdo em uma explosão no Afeganistão. - Esta é a vida. Você tem que encontrar o seu caminho e encontrar uma maneira de se divertir.

(O GLOBO, 06/09/2012).

A superação é a principal representação do “super-herói”, pois o atleta com deficiência supera vários obstáculos, principalmente sua própria deficiência, e triunfa. O estereótipo do “super-herói” corresponde precisamente à noção de realizações heróicas (SCHELL e DUNCAN, 1999) através da superação de obstáculos quase intransponíveis. Percebemos que há a criação de um drama sobre coisas que são consideradas rotineiras pelas pessoas sem deficiência, e a deficiência em si, é vista como algo trágico e terrível que deve ser ultrapassado, e não apenas como diferença. “Mesmo sem mãos e grande parte do braço, ele também costura e joga video game” (O GLOBO, 02/09/2012). “Aprendeu a andar aos 2 anos e aos 3 já andava de bicicleta” (O GLOBO, 04/09/2012).

Estes indivíduos que encontram-se no foco, ao serem retratados como exemplos e “super-heróis” passam a ser o que Goffman chama de representantes. O representante é, no caso de nosso estudo, “nativo”, ou seja, faz parte de um determinado grupo (de pessoas com deficiência, em nosso caso), conhece seus problemas, e tem como objetivo amenizar ou flexibilizar os rótulos sociais do grupo ao qual pertence, podendo falar sobre e pelos estigmatizados perante uma audiência. Esses indivíduos “(...) fornecem um modelo vivido de uma realização plenamente normal; são heróis da adaptação, sujeitos a recompensas públicas por provar que um indivíduo desse tipo pode ser uma boa pessoa” (GOFFMAN, 1988, p. 34).

Nesse sentido, ao analisarmos em profundidade tal representação percebemos que este estereótipo deixa a impressão de que a pessoa com deficiência para se ajustar terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heróico para compensar a sua limitação (SCHELL e DUNCAN, 1999). O modelo do “super-herói” viria reforçar as baixas expectativas da sociedade acerca das pessoas com deficiência (HARDIN e HARDIN, 2004), e enfatizar o esforço individual dessas pessoas para se adaptarem; como se ter uma deficiência fosse culpa das mesmas (SCHANTZ e GILBERT, 2001). O que depreende-se deste discurso é que as pessoas sem deficiência, quando bem sucedidas nos seus empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto aquelas que têm alguma deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o mal” que os aflige.

Contudo, apesar de as categorias acima terem sido depreendidas da análise, outra também surgiu apontando mais semelhanças na construção do herói esportivo com e sem deficiência: a performance paralímpica. Tal categoria surge em quase todas as matérias analisadas, ou seja, de forma análoga ao chamado esporte convencional, no paradesporto os

resultados são importantes, a performance importa, uma vez que as competições seguem a mesma sistematização, vence o melhor.

Na construção da imagem desse atleta, o objetivo percebido por nós, não é o de romper com a estrutura esportiva “convencional”, mais sim aproximar-se dela, buscando legitimidade. Os termos utilizados para se referir aos atletas com deficiência são os mesmos: estrela, campeão, maior nome; bem como as características de sacrifício e de tragédia que são encontradas em ambos. Outro destaque é a comparação com atletas sem deficiência, como em “Esta é a décima medalha de Daniel, que ganhou nove só na edição de Pequim em sua estreia nos Jogos. Principal estrela da delegação e que já foi apelidado de Phelps brasileiro, em referência ao americano supercampeão Michael Phelps (...)” (O GLOBO, 30/08/2012). Ratificando a ideia de legitimidade só alcançada através da relação ou aproximação entre os atletas com e sem deficiência.

Conclusões

A análise das fotografias e da narrativa jornalística foi conduzida a fim de que pudéssemos vislumbrar como o atleta paralímpico é representado pelo meio escolhido e se há alguma diferenciação entre gênero e tipos de deficiência. Notamos que as fotografias, em geral, não revelavam a deficiência do atleta e que este atleta em 13 das 14 fotografias era homem. A mídia esportiva é predominante masculina. O esporte como prática social moderna, foi construído como masculino, gerando uma longa história de luta das mulheres para sua inclusão também nesta prática. Enquanto instituição generificada, sua estrutura e valores (regras, organização formal, composição sexual, etc.) espelham concepções dominantes de masculinidade e feminilidade (KNIJNIK, 2004). Acresce-se a isso o fato de um maior número de homens terem participado e obtido sucesso nos Jogos, o que reforçou ainda mais a masculinidade dessa cobertura.

Nas fotografias analisadas, grande parte tendeu a esconder a deficiência. O esporte tem sido associado ao corpo atlético, que é forte, hábil resistente e capaz, sem deficiências e danos. Hargreaves (2000) afirma que as pessoas com deficiência são identificadas, julgadas e representadas em primeiro lugar através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Nosso estudo corrobora com pesquisas anteriores (SCHANTZ e GILBERT, 2001; SCHANTZ e DUNCAN, 1999; THOMAS e SMITH, 2003) que sugerem que a cobertura fotográfica deixa invisível a deficiência e quando a mostra há a

tendência em apresentar pessoas com deficiência física, principalmente cadeirantes e amputados, o que parece negar a identidade do atleta.

Em termos de narrativa jornalística o atleta paralímpico é constantemente associado à ideia de superação, resultante de um discurso que enfatiza sua tragédia de vida e posterior superação do sofrimento e a ascensão como representante da classe (GOFFMAN, 1988). Esse discurso, apesar de remeter ao de atletas sem deficiência, tem particularidades. O herói esportivo “convencional” também é aquele que supera as dificuldades e obstáculos do percurso, fundamentais na construção da narrativa mítica de sua saga (HELAL, 1999), contudo no caso de atletas paralímpicos a superação é entendida como uma forma de compensação, e apenas o esforço para se tornar um paratleta é suficiente para que o mesmo seja louvado como herói.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, M. S. F. **A Deficiência através da História**. Disponível em <<http://www.adiron.com.br/mznews/data/historia.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2007.
- BARNES, C., MERCER G. e SHAKESPEARE, T. **Exploring Disability**. A Sociological Introduction. Cambridge: Polity Press, 1999.
- BERNSTEIN, A. Is it time for a victory lap? **International Review for the Sociology of Sport**, 3, 415-428. 2002.
- BUYSSE, Jo Ann M.; BORCHEDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sports Communication**, v. 3, p. 308-321, 2010.
- CALVO, Ana Paula S. **Desporto para Deficientes e Media**. 2001. Dissertação (Mestrado em Atividade Física Adaptada)-Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2001.
- CHANG, I., e CROSSMAN, J. When there is a will, there is a way: A quantitative comparison of the newspaper coverage of the 2004 summer Paralympic and Olympic Games. **International Journal of Applied Sports Sciences**, v. 2, n. 2, p. 16-34, 2009.
- CLOGSTON, J. S. Disability coverage in American newspapers. In: NELSON, J. A. (Ed.), **The disabled, the media, and the information age**. Westport, CN: Green-wood Press. 1994. p. 45-53
- EASTMAN Susan Tyler; BILLINGS, Andrew C. Sportscasting and Sports Reporting: The Power of Gender Bias. **Journal of Sports and Social Issues**, v. 24, n. 2, p. 192-213, Maio 2000.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rev. téc.: Gilberto Velho. 3 ed. Rio de Janeiro: ZaharEditores, 1980.
- HARDIN, J., e HARDIN, M. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20 n. 3, p. 246-259, 2003.
- HARGREAVES, J. **Sporting Females**: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports. London: Routledge, 1994
- HELAL, R. Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol. **Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, v. 2, n. 2, 1999.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. Rosa versus azul: estigmas de gênero no mundo esportivo. III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004, p. 63-67.
- LAZARSELD, P. F., e MERTON, R. K. Mass Communication, popular taste and organized social action. In L. Bryson (Ed.), **Communication of ideas**. Nova York: Harper & Bros. 1948. p. 95-118
- LEE, M. J. **Images of Athletes with Disabilities: An Analysis of Photographs from the 2012 Paralympic Games**. 2013. 214f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Cinesiologia, Universidade do Alabama, Alabama, 2013.
- LONGMORE, P. K..Screening Stereotypes: Images of Disabled People.**Social Policy**, 16(1), 31-37. 1985.
- MARQUES, Carlos Alberto. **A imagemda alteridade na mídia**. 2001a. 248p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)-Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.2001a.
- _____. Mídia e deficiência: a violência estampada nas páginas dos jornais. **Lumina**: revista da Faculdade de Comunicação da UFJF, Juiz de Fora: Ed. UFJF, v.4, n.2, p. 215-231, jul./dez. 2001b.
- NELSON, J. A. Broken Images: Portrayals of those with disabilities in American media. In J. A. Nelson (Ed.), **The Disabled, the media, and the information age**. Westport, CN: Greenwood Press. 1994. p. 1-17
- PEDERSEN, P. M. Examining Equity in newspaper photographs: A content analysis of the print media photographic coverage of interscholastic athletics. **International Review for the Sociology of Sport**, 37, 3-4, 2002.
- PONTES, B.; NAUJORKS, M. I.; SHERER, A.**Mídia Impressa, Discurso e Representação Social**: A Constituição do sujeito deficiente. Campo Grande/MS. 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/2001/np11/NP11PONTES.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2007.
- SANTOS, W. R dos.**Pessoas com Deficiência**: nossa maior minoria. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v18n3/v18n3a08.pdf>. Acesso em: 28 Dez. de 2009.
- SCHANTZ, O. e GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper Coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, v. 18, p. 69-94, 2001.
- SHELL, L.; DUNCAN, M.A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games.**Adapted Physical Activity Quartely**, 16, p. 27-47. 1999.

THOMAS, N., e SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, p. 166-181, 2003.

WOODILL, G. The social semiotics of disability. In M. H. RIOUX e M. BACH (Eds.), **Disability is not measles**. New research paradigms in disability (pp. 201-226). North York, ON: Roeher, 1994.